

A TRAVESSIA PELO TEMPO MÍTICO-EFÊMERO EM ÓRFÃOS DO ELDORADO: MEMÓRIA, NARRATIVA E PRESENTIFICAÇÃO DO PASSADO NA FICÇÃO DE MILTON HATOUM

Adams Almeida Lopes

Mestrando em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Linha de pesquisa: Literatura e autonomia: questões de estética e ética.

<https://orcid.org/0009-0008-0647-385X>

E-mail: adams.alpes@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-05>

RESUMO: A narrativa contemporânea brasileira tem demonstrado crescente interesse pela reelaboração das relações entre memória, identidade e temporalidade. Nesse contexto, *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum, destaca-se por construir uma narrativa em que o tempo deixa de constituir apenas um elemento cronológico para tornar-se princípio estruturador da experiência humana. Este artigo investiga como a novela articula diferentes regimes temporais — histórico, memorialístico e mítico — por meio da voz do narrador-protagonista Arminto Cordovil. O problema que orienta a pesquisa consiste em compreender de que maneira o tempo mítico reorganiza a memória narrativa e produz uma presentificação contínua do passado, desfazendo a linearidade cronológica tradicional. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se na análise textual da obra em diálogo com contribuições da teoria narrativa, especialmente aquelas desenvolvidas por Paul Ricoeur, Gérard Genette, Jacques Rancière, Byung-Chul Han e Mircea Eliade. A análise evidencia que a temporalidade construída por Hatoum ultrapassa a sucessão cronológica dos acontecimentos, instaurando uma dinâmica em que mito, memória e experiência coexistem em permanente atualização narrativa. O discurso de Arminto converte o passado em presença, produzindo uma temporalidade descontínua, marcada pela simultaneidade entre lembrança, imaginação e experiência vivida. Conclui-se que a dimensão mítica da narrativa constitui o principal mecanismo responsável pela reorganização temporal da novela, contribuindo para a construção identitária do narrador e para a universalização de sua experiência existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Milton Hatoum. Tempo Narrativo. Mito. Memória. Narrativa Contemporânea.

THE JOURNEY THROUGH MYTHIC-EPHEMERAL TIME IN ÓRFÃOS DO ELDORADO: MEMORY, NARRATIVE, AND THE ACTUALIZATION OF THE PAST IN MILTON HATOUM'S FICTION

ABSTRACT: Contemporary Brazilian fiction has increasingly explored the relationships between memory, identity, and temporality. Within this context, *Orphans of Eldorado* (2008), by Milton Hatoum, stands out by constructing a narrative in which time transcends its chronological function and becomes a structural principle of human experience. This article investigates how the novella articulates different temporal regimes—historical, memorial, and mythical—through the voice of its narrator-protagonist, Arminto Cordovil. The research seeks to understand how mythical time

reorganizes narrative memory and continuously transforms the past into a living present, challenging traditional chronological linearity. This qualitative and bibliographical study is grounded in textual analysis and supported by narrative theory, particularly the works of Paul Ricoeur, Gérard Genette, Jacques Rancière, Byung-Chul Han, and Mircea Eliade. The analysis demonstrates that Hatoum constructs a temporal configuration that exceeds chronological succession, establishing a narrative dynamic in which myth, memory, and lived experience coexist simultaneously. Arminto's discourse transforms recollection into presence, producing a discontinuous temporality characterized by the coexistence of memory, imagination, and experience. The article concludes that mythical temporality constitutes the central mechanism through which the narrative reorganizes time, shaping the narrator's identity while universalizing his existential experience.

KEYWORDS: Milton Hatoum. Narrative Time. Myth. Memory. Contemporary Fiction.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea tem consolidado um campo privilegiado para a investigação das relações entre memória, identidade, imaginário e experiência histórica. Entre os autores que mais significativamente contribuíram para esse movimento destaca-se Milton Hatoum, cuja produção literária se caracteriza pela elaboração de narrativas marcadas pela pluralidade de vozes, pela fragmentação temporal e pela constante interlocução entre história, mito e memória. Longe de apresentar a Amazônia apenas como espaço geográfico ou regional, Hatoum a transforma em uma categoria simbólica capaz de condensar conflitos culturais, afetivos e existenciais que extrapolam seus limites territoriais.

Publicada em 2008, *Órfãos do Eldorado* ocupa posição singular dentro da produção do escritor amazonense. Escrita originalmente para a coleção internacional **Myths**, organizada pela editora Canongate Books, a novela recupera uma das narrativas fundadoras do imaginário amazônico — o mito do Eldorado — para construir uma reflexão sobre perda, desejo, pertencimento e memória. Entretanto, o mito não se limita à condição de tema narrativo. Ele atravessa toda a arquitetura da obra, reorganizando simultaneamente a constituição do narrador, a experiência espacial e, sobretudo, a temporalidade da narrativa.

Entre os diversos aspectos estruturantes da novela, o tempo revela-se um dos mais complexos. Diferentemente da temporalidade linear característica da narrativa tradicional, Hatoum elabora um discurso em que passado, presente e futuro deixam de

obedecer a uma sequência cronológica rígida. A voz de Arminto Cordovil desloca-se continuamente entre lembranças da infância, acontecimentos recentes, projeções imaginárias e narrativas míticas, fazendo coexistirem diferentes planos temporais em um mesmo ato narrativo. Tal procedimento produz uma experiência de leitura em que a memória não recupera simplesmente o passado, mas o reinscreve continuamente no presente da narração.

Essa configuração aproxima a obra das reflexões desenvolvidas por Paul Ricoeur (2010), para quem o tempo somente se torna plenamente humano quando organizado narrativamente. Na novela de Hatoum, contudo, a narratividade não apenas organiza a experiência temporal, mas dissolve as fronteiras entre memória e presente, fazendo com que o narrador habite simultaneamente diferentes dimensões temporais. A lembrança deixa de representar um retorno ao que passou para converter-se em uma atualização permanente da experiência vivida.

Paralelamente, a presença constante dos mitos amazônicos amplia essa reorganização temporal. Conforme observa Mircea Eliade (1992), o mito rompe a sucessão ordinária do tempo histórico ao instaurar uma temporalidade primordial, continuamente reatualizada por meio da narrativa. Em *Órfãos do Eldorado*, essa lógica manifesta-se quando as histórias transmitidas por Florita e pelas populações ribeirinhas deixam de funcionar como simples recordações folclóricas para constituírem a própria estrutura pela qual Arminto interpreta sua existência. A experiência individual passa, assim, a ser compreendida segundo categorias míticas, nas quais realidade e imaginação tornam-se indissociáveis.

A essa perspectiva soma-se a reflexão de Byung-Chul Han (2023), segundo a qual a contemporaneidade experimenta uma profunda crise da narração, resultado da substituição das experiências compartilhadas pela aceleração do tempo e pela fragmentação da vida social. Em oposição a esse cenário, Arminto constrói sua identidade precisamente por meio do ato de narrar. Sua voz resiste ao esquecimento, reorganiza os acontecimentos traumáticos e reinscreve sua existência em uma temporalidade que não se submete ao fluxo linear do relógio, mas ao ritmo próprio da memória.

É justamente nessa articulação entre mito, memória e narratividade que se situa o problema central deste artigo: **de que maneira o tempo mítico presente em *Órfãos do***

***Eldorado* reorganiza a experiência temporal do narrador, produzindo uma presentificação contínua do passado e redefinindo a construção narrativa da memória?**

Parte-se da hipótese de que a temporalidade da novela não decorre apenas dos procedimentos tradicionais da narrativa memorialística. Ao contrário, ela resulta da interação entre memória individual e estruturas míticas, responsáveis por instaurar uma experiência temporal descontínua, circular e permanentemente atualizada. Nessa configuração, o passado deixa de constituir uma instância encerrada para converter-se em elemento ativo da experiência presente, reorganizando simultaneamente a identidade do narrador e a arquitetura da narrativa.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se na leitura analítica da novela em diálogo com a teoria da narrativa contemporânea. O estudo articula principalmente as contribuições de Paul Ricoeur, Gérard Genette, Jacques Rancière, Mircea Eliade e Byung-Chul Han, buscando compreender como suas formulações permitem interpretar os mecanismos de construção temporal empregados por Hatoum.

Ao privilegiar a temporalidade como eixo estruturador da narrativa, este estudo pretende contribuir para a fortuna crítica dedicada à obra de Milton Hatoum, propondo uma leitura que compreende o tempo não como simples categoria formal da narrativa, mas como princípio organizador da memória, da identidade e da experiência humana. Mais do que narrar acontecimentos pretéritos, *Órfãos do Eldorado* constrói uma temporalidade em que viver e narrar tornam-se experiências indissociáveis, fazendo do mito um operador fundamental da permanência do passado no presente.

TEMPO, MITO E MEMÓRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA TEMPORALIDADE NARRATIVA

A compreensão da temporalidade em *Órfãos do Eldorado* exige o deslocamento do conceito tradicional de tempo como mera sucessão cronológica para uma perspectiva segundo a qual a experiência temporal se constitui pela linguagem, pela memória e pela narração. A narrativa de Milton Hatoum não organiza simplesmente acontecimentos em

uma sequência linear; ao contrário, ela produz um tempo descontínuo, marcado por retornos, sobreposições e permanências. Essa configuração aproxima a novela das discussões desenvolvidas pela teoria narrativa contemporânea, especialmente aquelas formuladas por Paul Ricoeur, Gérard Genette, Jacques Rancière, Mircea Eliade e Byung-Chul Han.

Entre esses autores, Paul Ricoeur ocupa posição central ao propor que o tempo somente se torna inteligível por intermédio da narrativa. Em *Tempo e narrativa*, o filósofo demonstra que a experiência temporal humana não é imediatamente apreensível, sendo necessária sua configuração em forma narrativa para adquirir sentido. A narrativa organiza os acontecimentos dispersos em uma intriga (*muthos*), estabelecendo relações de causalidade, continuidade e significação. Não se trata, portanto, de reproduzir fielmente a sucessão dos fatos, mas de configurá-los segundo uma lógica capaz de transformar o vivido em experiência compreensível.

Essa perspectiva desloca o tempo do domínio exclusivamente cronológico para uma dimensão hermenêutica. O passado deixa de representar apenas aquilo que ocorreu e passa a constituir um campo permanentemente reinterpretado pelo presente da narração. Em consequência, toda rememoração implica um processo de reorganização da experiência, no qual recordar significa recriar e reinterpretar. Em *Órfãos do Eldorado*, esse mecanismo torna-se evidente porque Arminto Cordovil não relata sua trajetória como quem registra fatos históricos; ele reconstrói sua existência a partir da memória, atribuindo novos sentidos aos acontecimentos que marcaram sua formação.

A teoria ricoeuriana permite compreender que o narrador não revive literalmente o passado, mas produz aquilo que se pode denominar presentificação da experiência. Os episódios narrados adquirem atualidade porque permanecem ativos na consciência daquele que os rememora. Assim, o passado não é encerrado definitivamente; ele continua produzindo efeitos sobre o presente narrativo. Essa permanência constitui um dos principais mecanismos estruturadores da novela de Hatoum.

Entretanto, a temporalidade da obra ultrapassa a dinâmica memorialística. A presença constante dos mitos amazônicos introduz outra forma de organização temporal, relacionada ao que Mircea Eliade denomina tempo sagrado ou tempo mítico. Para o historiador das religiões, o mito narra acontecimentos ocorridos em um tempo primordial,

qualitativamente distinto do tempo histórico. Diferentemente da cronologia ordinária, esse tempo permanece sempre disponível para ser atualizado mediante a narração dos acontecimentos fundadores.

Segundo Eliade, cada repetição do mito reintroduz simbolicamente os participantes naquele tempo originário. O mito não constitui apenas uma narrativa sobre o passado; ele faz o passado retornar continuamente ao presente. Essa característica torna-se particularmente significativa na novela de Hatoum. As histórias narradas por Florita, pelos indígenas e pelas populações ribeirinhas não aparecem como simples elementos folclóricos destinados à ambientação regional. Elas estruturam a percepção que Arminto possui da própria realidade. Sua experiência amorosa, sua relação com o pai, sua solidão e sua incessante busca por Dinaura passam a ser interpretadas segundo categorias pertencentes ao imaginário mítico amazônico.

Desse modo, realidade e mito deixam de ocupar planos distintos. O universo ficcional dissolve a oposição entre ambos, instaurando um regime narrativo em que acontecimentos históricos convivem com seres encantados, cidades submersas e narrativas ancestrais sem que isso provoque qualquer ruptura na lógica interna do discurso. O mito deixa de funcionar como alegoria para converter-se em princípio organizador da própria experiência temporal.

Essa coexistência entre diferentes regimes temporais aproxima a narrativa daquilo que Jacques Rancière identifica como uma das principais características da literatura moderna. Para o filósofo francês, a modernidade rompe com a organização clássica do relato, baseada na sucessão causal dos acontecimentos, substituindo-a por uma lógica fundada na coexistência de temporalidades heterogêneas. A narrativa deixa de obedecer rigorosamente à ordem dos fatos para privilegiar os modos pelos quais esses fatos são percebidos, lembrados e significados.

Nesse contexto, o tempo deixa de constituir uma estrutura exterior à narrativa para tornar-se resultado da própria linguagem. O relato já não acompanha a linearidade do relógio; acompanha o movimento da consciência. Essa transformação permite compreender por que Arminto transita continuamente entre infância, juventude e velhice sem recorrer a marcações cronológicas rígidas. O deslocamento temporal ocorre

naturalmente porque o princípio organizador da narrativa não é histórico, mas memorialístico.

Essa perspectiva dialoga diretamente com Gérard Genette. Ao distinguir tempo da história e tempo da narrativa, Genette demonstra que toda narrativa reorganiza os acontecimentos mediante operações como anacronia, analepse, prolepse, duração e frequência. O tempo narrativo nunca corresponde integralmente ao tempo da história. Há sempre um trabalho de reorganização realizado pela voz narrativa.

Em *Órfãos do Eldorado*, essas operações tornam-se permanentes. A narrativa inicia-se já em um momento posterior aos acontecimentos principais. A partir desse presente narrativo, Arminto regressa continuamente ao passado, interrompe lembranças, antecipa acontecimentos futuros e retorna novamente ao presente da enunciação. O efeito produzido não é de confusão, mas de simultaneidade temporal. O leitor passa a experimentar uma temporalidade semelhante à da memória humana, na qual diferentes momentos coexistem continuamente.

Contudo, compreender a temporalidade da novela apenas mediante categorias estruturais seria insuficiente. A memória, em Hatoum, não constitui apenas um procedimento formal; ela representa uma forma de existência. Nesse ponto, as reflexões de Byung-Chul Han tornam-se particularmente relevantes. Em sua análise sobre a crise contemporânea da narração, o filósofo argumenta que a aceleração do tempo social produziu uma fragmentação das experiências humanas. Vive-se muito, mas narra-se pouco. As vivências acumulam-se sem se converterem em experiência, porque lhes falta uma estrutura narrativa capaz de atribuir sentido ao vivido.

Para Han, narrar significa organizar a existência. A narrativa não apenas relata acontecimentos; ela produz continuidade temporal e permite ao sujeito reconhecer-se na própria trajetória. A identidade depende da possibilidade de narrar a própria vida. Sem narrativa, resta apenas a sucessão fragmentária de acontecimentos desconexos.

Essa formulação oferece importante chave interpretativa para compreender Arminto Cordovil. O narrador encontra-se isolado, empobrecido e socialmente marginalizado. Entretanto, permanece profundamente ligado ao ato de narrar. Sua identidade já não depende da posição econômica anteriormente ocupada pela família

Cordovil, nem da possibilidade de reconstruir sua vida amorosa. Ela depende exclusivamente da narração. É narrando que Arminto reorganiza seus traumas, atribui sentido às perdas e reinscreve sua existência em uma continuidade temporal.

A narrativa assume, portanto, função terapêutica. Ao rememorar continuamente sua trajetória, Arminto não busca modificar os acontecimentos passados, mas compreendê-los sob outra perspectiva. O narrador converte a memória em espaço de elaboração da experiência. O sofrimento permanece, mas deixa de ser apenas dor para transformar-se em narrativa.

Essa característica aproxima a novela daquilo que Han identifica como resistência à crise contemporânea da narração. Em uma sociedade marcada pela velocidade e pela instantaneidade, Arminto realiza precisamente o movimento contrário: desacelera o tempo, prolonga a lembrança e transforma a memória em experiência compartilhável. Sua narrativa restitui ao tempo a espessura perdida pela contemporaneidade.

Sob essa perspectiva, tempo, mito e memória deixam de constituir categorias independentes. Em *Órfãos do Eldorado*, essas três dimensões articulam-se continuamente. O mito reorganiza a memória; a memória reorganiza o tempo; e o tempo reorganiza a identidade do narrador. É dessa interação que emerge a singularidade estética da novela de Hatoum.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, situando-se no campo dos Estudos Literários e da teoria da narrativa. Diferentemente das abordagens quantitativas, interessa compreender os processos de construção de sentido produzidos pela linguagem literária, privilegiando a interpretação das estruturas narrativas presentes na obra analisada.

O corpus da pesquisa é constituído pela novela *Órfãos do Eldorado*, publicada por Milton Hatoum em 2008. A escolha da obra fundamenta-se em sua relevância para a literatura brasileira contemporânea e, especialmente, na centralidade assumida pelas categorias de tempo, memória e mito em sua organização narrativa.

O procedimento metodológico desenvolveu-se em duas etapas complementares. A primeira consistiu na revisão bibliográfica acerca das categorias narrativas mobilizadas pela pesquisa, abrangendo estudos sobre temporalidade, memória, mito e narrador. Foram privilegiadas as contribuições de Paul Ricoeur, Gérard Genette, Jacques Rancière, Mircea Eliade e Byung-Chul Han, cujas formulações oferecem instrumental teórico adequado para compreender a configuração temporal presente na narrativa hatoumiana.

Na segunda etapa realizou-se a leitura analítica da novela, buscando identificar os mecanismos responsáveis pela construção da temporalidade narrativa. A análise concentrou-se na observação dos deslocamentos temporais promovidos pelo narrador, das relações estabelecidas entre memória e mito, da presentificação do passado e da forma como essas categorias participam da constituição identitária de Arminto Cordovil.

A interpretação dos excertos selecionados fundamenta-se na compreensão de que os elementos formais da narrativa não podem ser dissociados de sua dimensão simbólica. Assim, tempo, memória e mito são analisados simultaneamente como categorias estruturais da narrativa e como operadores de sentido capazes de revelar diferentes formas de representação da experiência humana.

Essa abordagem permite compreender que a temporalidade construída por Hatoum ultrapassa a dimensão cronológica da narrativa tradicional, configurando um regime temporal no qual passado e presente coexistem continuamente, reorganizados pela memória e permanentemente atualizados pelo imaginário mítico.

A TRAVESSIA PELO TEMPO MÍTICO-EFÊMERO: MEMÓRIA, MITO E PRESENTIFICAÇÃO EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*

Se a narrativa moderna rompe com a linearidade temporal herdada do romance oitocentista, em *Órfãos do Eldorado* esse rompimento alcança um nível ainda mais complexo. Milton Hatoum não apenas fragmenta a cronologia dos acontecimentos; ele constrói uma experiência temporal na qual diferentes regimes de tempo coexistem continuamente. O passado não permanece encerrado como memória distante, nem o presente constitui um instante autônomo. Ambos são permanentemente atravessados pela

lógica do mito, instaurando uma temporalidade híbrida que escapa às categorias cronológicas tradicionais.

Nesse sentido, propõe-se compreender essa configuração narrativa mediante a noção de **tempo mítico-efêmero**. O conceito procura designar uma temporalidade paradoxal: ao mesmo tempo em que o mito atualiza continuamente o passado, impedindo seu desaparecimento, a existência humana permanece submetida à efemeridade, à perda e ao desaparecimento inevitável. A narrativa de Arminto desenvolve-se precisamente na tensão entre essas duas forças aparentemente contraditórias.

Essa hipótese permite deslocar parte da fortuna crítica dedicada à novela, frequentemente concentrada na dimensão memorialística ou regionalista da obra. Embora tais perspectivas sejam fundamentais, elas não explicam integralmente a singularidade temporal construída por Hatoum. O que caracteriza a experiência narrativa de Arminto não é apenas recordar acontecimentos passados, mas experimentá-los novamente enquanto narra. O passado deixa de representar um objeto distante da memória para converter-se em presença discursiva.

Logo nas páginas iniciais da novela observa-se esse procedimento. Antes mesmo de iniciar o relato de sua própria vida, Arminto rememora a narrativa da indígena que abandona o mundo dos homens para viver na cidade encantada existente sob as águas do rio. Sob uma perspectiva estrutural, essa abertura desempenha função decisiva: o mito antecede a autobiografia. A experiência individual somente poderá ser compreendida porque foi previamente inserida em uma temporalidade mítica. O leitor não ingressa primeiro na história de Arminto; ingressa no universo simbólico que organizará toda a sua percepção do mundo.

Tal escolha narrativa revela uma sofisticada estratégia composicional. O mito não aparece como ilustração temática nem como elemento decorativo destinado a reforçar a ambientação amazônica. Ao contrário, ele fornece o princípio hermenêutico pelo qual toda a narrativa será posteriormente interpretada. A experiência individual nasce já atravessada por narrativas ancestrais.

Sob esse aspecto, confirma-se a proposição de Mircea Eliade segundo a qual o mito jamais permanece restrito ao passado. Cada nova narração reinscreve

simbolicamente os sujeitos naquele tempo primordial. Em *Órfãos do Eldorado*, Arminto não apenas conhece os mitos; ele passa a existir segundo sua lógica temporal. Sua vida deixa progressivamente de obedecer às determinações da cronologia histórica para aproximar-se da repetição característica das narrativas fundadoras.

Essa dinâmica manifesta-se sobretudo na figura de Dinaura. Embora apresentada inicialmente como personagem concreta, sua presença narrativa ultrapassa gradativamente os limites do realismo psicológico. Sua identidade permanece envolta em silêncio, ausência e mistério. Pouco se conhece sobre sua história anterior; menos ainda sobre seu desaparecimento. À medida que a narrativa avança, Dinaura deixa de ocupar o lugar de personagem individual para aproximar-se das entidades femininas presentes nas narrativas míticas amazônicas.

O desaparecimento da personagem constitui um dos momentos decisivos da reorganização temporal da novela. A partir desse acontecimento, Arminto abandona definitivamente a expectativa de reconstrução objetiva dos fatos. Seu discurso passa a oscilar continuamente entre lembrança, imaginação, desejo e crença. A busca por Dinaura já não pertence exclusivamente ao plano da realidade empírica; ela passa a ocorrer igualmente no interior do imaginário mítico.

Nesse instante, percebe-se que o tempo narrativo sofre profunda transformação. A ausência de Dinaura impede o encerramento da experiência amorosa. Sem conclusão objetiva, o episódio permanece continuamente aberto à rememoração. Cada retorno narrativo reinscreve o acontecimento no presente da enunciação. O tempo deixa de avançar linearmente porque a perda jamais se conclui.

É precisamente essa impossibilidade de conclusão que aproxima a narrativa das reflexões de Paul Ricoeur sobre memória e identidade narrativa. Para o filósofo, narrar significa configurar temporalmente a experiência humana. Entretanto, essa configuração jamais elimina sua incompletude. Toda narrativa permanece aberta a novas interpretações porque o sujeito modifica continuamente sua compreensão do próprio passado.

Arminto constitui exemplo expressivo dessa dinâmica hermenêutica. Seu relato não busca estabelecer uma verdade definitiva acerca dos acontecimentos. Ao contrário, cada nova lembrança reorganiza o sentido das experiências anteriores. O passado

transforma-se continuamente à medida que é narrado. Em consequência, a memória deixa de desempenhar função arquivística para converter-se em atividade criadora.

Essa característica evidencia importante diferença entre recordar e reviver. Recordar pressupõe certa distância entre sujeito e acontecimento. Reviver, ao contrário, dissolve parcialmente essa distância. Em *Órfãos do Eldorado*, Arminto aproxima-se muito mais da segunda modalidade. Sua narração produz o efeito de revivência. Os acontecimentos reaparecem investidos da intensidade afetiva originalmente experimentada.

Essa intensidade manifesta-se especialmente na forma como o narrador organiza sua linguagem. As descrições da cidade de Manaus, das margens do rio, da floresta e das embarcações não constituem simples reconstruções espaciais. Elas funcionam como gatilhos memoriais capazes de desencadear novas camadas temporais. O espaço converte-se em operador da memória.

Nesse ponto, torna-se evidente a profunda articulação entre tempo e espaço na novela. Os lugares não apenas localizam os acontecimentos; eles preservam temporalidades distintas. O rio, por exemplo, deixa de representar exclusivamente um elemento geográfico. Ele assume função cronotópica: conduz simultaneamente o fluxo das águas, das lembranças e das narrativas. O movimento incessante da corrente fluvial torna-se metáfora da própria memória, permanentemente móvel e jamais definitivamente estabilizada.

É significativo que a maior parte da narração ocorra justamente às margens desse rio. Arminto posiciona-se em um espaço liminar. Não pertence plenamente ao passado nem ao presente; tampouco habita inteiramente o universo histórico ou o universo mítico. Sua existência desenvolve-se precisamente nessa fronteira. O narrador vive em permanente travessia.

Essa posição liminar aproxima a narrativa da reflexão desenvolvida por Jacques Rancière acerca da literatura moderna. Segundo o filósofo, a modernidade dissolve as hierarquias tradicionais da representação, permitindo que diferentes temporalidades coexistam em um mesmo plano narrativo. A experiência deixa de organizar-se segundo

relações rígidas de causa e efeito para assumir uma configuração marcada pela simultaneidade.

Em Hatoum, essa simultaneidade manifesta-se de maneira exemplar. O velho Arminto narra sua infância sem abandonar inteiramente sua velhice. A criança permanece viva no narrador idoso; o adulto continua dialogando com o menino que um dia escutou as histórias de Florita. Não existem fronteiras absolutamente definidas entre essas diferentes idades. Todas permanecem presentes no mesmo ato narrativo.

Esse procedimento produz um efeito particularmente relevante para a constituição identitária do protagonista. Sua identidade deixa de corresponder à soma cronológica dos acontecimentos vividos. Ela emerge da relação continuamente reconstruída entre diferentes versões temporais de si mesmo. Arminto torna-se sujeito precisamente porque narra.

É nesse ponto que a reflexão de Byung-Chul Han adquire especial pertinência. Para o filósofo, a narração restitui continuidade temporal à existência humana. Enquanto a sociedade contemporânea fragmenta experiências em vivências isoladas, a narrativa reorganiza tais fragmentos em uma história dotada de sentido. Arminto realiza exatamente esse movimento. Sua identidade nasce da narração, e não dos acontecimentos isoladamente considerados.

Dessa forma, o tempo mítico-efêmero revela sua dupla natureza. O mito impede o desaparecimento definitivo da experiência; a efemeridade lembra continuamente que nenhuma presença pode ser plenamente preservada. Entre permanência e desaparecimento constrói-se toda a arquitetura temporal da novela. O passado resiste porque é narrado; a vida permanece fugaz porque continua submetida à perda.

Mais do que recuperar acontecimentos vividos, Arminto produz uma ontologia da memória. Narrar torna-se forma de existir. Seu discurso não procura simplesmente preservar recordações individuais; ele busca impedir que o tempo histórico elimine completamente aquilo que apenas a narrativa pode conservar. Nesse sentido, a voz do narrador assume função análoga à do mito: ambos suspendem provisoriamente a ação destrutiva do tempo cronológico.

A EFEMERIDADE DO TEMPO E A CONSTRUÇÃO DA RUÍNA EXISTENCIAL

A narrativa de *Órfãos do Eldorado* alcança sua maior complexidade quando o tempo deixa de constituir apenas uma categoria formal da composição narrativa para transformar-se na própria matéria da existência de Arminto Cordovil. O protagonista não apenas vive em determinado tempo; ele é produzido pelo tempo. Sua identidade resulta da sobreposição de lembranças, perdas, desejos e narrativas míticas que continuamente reorganizam sua compreensão da própria trajetória. Nesse sentido, a ruína que atravessa toda a novela não deve ser compreendida exclusivamente em sua dimensão material ou psicológica. Trata-se, sobretudo, de uma ruína temporal.

Desde as primeiras páginas, percebe-se que Arminto narra a partir de um presente marcado pelo esvaziamento. Habita uma tapera à margem do rio, distante do antigo palácio dos Cordovil, privado da fortuna familiar e definitivamente separado de Dinaura. Entretanto, a pobreza material nunca ocupa o centro de sua narrativa. O que realmente o mobiliza é a necessidade de reorganizar temporalmente sua experiência. A narração constitui uma tentativa de conferir inteligibilidade ao sofrimento.

Essa característica diferencia a novela de outras narrativas memorialísticas. Em muitas delas, recordar significa reconstruir acontecimentos passados segundo determinada ordem cronológica. Em Hatoum, ocorre movimento distinto. A memória não busca reconstruir uma sequência de fatos, mas compreender aquilo que permanece irresolvido. Arminto narra porque seu passado continua inacabado.

Essa incompletude manifesta-se sobretudo na figura de Dinaura. A personagem permanece envolta por uma zona permanente de indeterminação. Pouco se sabe sobre sua origem, sobre seus sentimentos ou mesmo sobre as circunstâncias precisas de seu desaparecimento. Sua ausência produz um vazio interpretativo que jamais é plenamente preenchido pela narrativa.

Essa lacuna desempenha papel decisivo na organização temporal da novela. Se Dinaura morresse explicitamente, a narrativa encontraria uma conclusão objetiva para o conflito amoroso. Ao desaparecer, contudo, ela permanece suspensa entre presença e ausência. O desaparecimento impede o encerramento da experiência. Consequentemente, Arminto continua narrando.

A cidade encantada do Eldorado participa diretamente desse processo. Diferentemente do Eldorado histórico procurado pelos conquistadores europeus, a cidade submersa evocada pela tradição amazônica representa um espaço cuja existência jamais pode ser definitivamente confirmada ou negada. Sua realidade depende da crença.

É precisamente essa ambiguidade que interessa à arquitetura narrativa de Hatoum. O Eldorado funciona menos como lugar geográfico do que como categoria temporal. Ele constitui um espaço em que o desaparecido permanece potencialmente acessível. Nele, o tempo histórico parece suspender sua ação destrutiva.

Sob essa perspectiva, a busca de Arminto por Dinaura deixa de representar apenas um percurso amoroso. Ela converte-se em tentativa de recuperar uma temporalidade perdida. Procurar Dinaura significa procurar o instante anterior à ruína, quando ainda parecia possível reorganizar a própria existência. O objeto da busca não é somente a mulher amada; é o próprio tempo.

Essa leitura permite compreender por que a narrativa jamais distingue rigorosamente realidade e imaginação. A questão fundamental não consiste em determinar se Dinaura realmente ingressou na cidade encantada. O aspecto decisivo reside no fato de que Arminto necessita dessa possibilidade para reorganizar simbolicamente sua experiência. O mito oferece à memória aquilo que a história não pode fornecer: continuidade.

Nesse aspecto, observa-se importante aproximação com as formulações de Mircea Eliade. Para o historiador das religiões, o mito suspende provisoriamente o desgaste provocado pelo tempo profano ao permitir o retorno simbólico ao instante primordial. Em *Órfãos do Eldorado*, Arminto realiza procedimento semelhante. Sua narrativa interrompe continuamente a sucessão cronológica para reinscrever os acontecimentos em uma temporalidade mítica.

Entretanto, Hatoum introduz importante deslocamento em relação ao modelo clássico do mito. Nas sociedades tradicionais estudadas por Eliade, a atualização do tempo primordial produz renovação da existência. Na novela, o retorno ao passado não elimina o sofrimento. A memória conserva igualmente a dor. O mito não cura a perda; apenas impede seu desaparecimento definitivo.

É justamente dessa tensão que emerge aquilo que se denomina aqui tempo mítico-efêmero. O mito preserva a permanência da experiência; a condição humana mantém inevitável sua precariedade. Nenhuma narrativa consegue abolir completamente a passagem do tempo. Arminto continua envelhecendo. Seus amigos morrem. O patrimônio desaparece. A cidade transforma-se. Apenas a memória resiste.

Essa resistência aproxima a narrativa das reflexões de Byung-Chul Han acerca da experiência. Segundo o filósofo, somente a narração é capaz de conferir continuidade temporal à existência humana. Vivências isoladas desaparecem rapidamente; experiências narradas permanecem. Arminto compreende intuitivamente esse mecanismo. Sua permanência no mundo depende exclusivamente da possibilidade de narrar.

Não por acaso, a novela encerra-se sem resolver grande parte das questões levantadas ao longo do enredo. O destino definitivo de Dinaura permanece incerto; a existência da cidade encantada continua ambígua; o próprio narrador conserva sua condição liminar entre realidade e mito. Essa ausência de resolução não representa fragilidade estrutural da obra. Ao contrário, constitui um de seus procedimentos estéticos fundamentais.

A narrativa permanece aberta porque o tempo também permanece aberto. Não existe conclusão definitiva para uma memória continuamente reatualizada. Cada nova leitura reinscreve Arminto em outro presente, produzindo diferentes possibilidades interpretativas. A novela resiste ao encerramento precisamente porque sua temporalidade não admite fechamento absoluto.

Essa característica dialoga diretamente com Jacques Rancière. Para o filósofo francês, a literatura moderna abandona a necessidade de oferecer soluções conclusivas para privilegiar a multiplicidade de sentidos. A narrativa deixa de organizar certezas e passa a produzir perguntas. Hatoum realiza exemplarmente essa proposta. Em vez de explicar o desaparecimento de Dinaura, constrói um universo narrativo em que diferentes interpretações permanecem simultaneamente válidas.

Do mesmo modo, a estrutura temporal da novela aproxima-se das formulações de Paul Ricoeur acerca da identidade narrativa. Segundo o filósofo, a identidade humana

nunca constitui essência imutável; ela resulta do relato continuamente produzido pelo sujeito sobre sua própria existência. Arminto não descobre quem é antes de narrar. Ele torna-se aquilo que narra.

Essa compreensão permite interpretar a ruína final do protagonista sob perspectiva diversa da tradicional. Arminto não fracassa porque perde a fortuna, o pai ou Dinaura. Sua verdadeira vitória consiste justamente em converter todas essas perdas em narrativa. O sofrimento deixa de ser apenas experiência individual para transformar-se em linguagem compartilhável.

Nesse ponto, a literatura revela uma de suas funções mais profundas. A narrativa não elimina o tempo nem restitui aquilo que foi perdido. Ela oferece, porém, uma forma de permanência simbólica capaz de resistir ao esquecimento. Ao narrar, Arminto salva da destruição aquilo que o tempo histórico inevitavelmente consumiria.

Assim, a novela de Milton Hatoum ultrapassa a representação da Amazônia, do mito ou da memória individual. Ela propõe uma reflexão sobre a própria condição humana. Todos os sujeitos experimentam perdas irreversíveis; todos vivem sob o signo da efemeridade; todos buscam, de algum modo, preservar aquilo que desapareceu. Em *Órfãos do Eldorado*, essa preservação ocorre pela narrativa.

Pode-se afirmar, portanto, que a travessia realizada por Arminto não é apenas espacial, nem exclusivamente afetiva. Trata-se de uma travessia temporal. O narrador percorre continuamente diferentes tempos da própria existência, reorganizando-os mediante a memória e iluminando-os pela permanência do mito. É nesse movimento que o tempo mítico-efêmero se consolida como uma das principais engrenagens estéticas da narrativa hatoumiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo permitiu compreender que a temporalidade constitui um dos principais eixos estruturantes de *Órfãos do Eldorado*. Mais do que organizar a sucessão dos acontecimentos, o tempo atua como princípio de construção da memória, da identidade e da própria experiência existencial do narrador-protagonista. Ao romper com a linearidade cronológica, Milton Hatoum constrói uma narrativa em que

diferentes regimes temporais coexistem continuamente, articulando tempo histórico, tempo memorialístico e tempo mítico em uma mesma tessitura narrativa.

Partiu-se do problema de compreender de que maneira o tempo mítico reorganiza a memória narrativa e produz a presentificação contínua do passado na voz de Arminto Cordovil. A hipótese formulada — de que a novela instaura uma temporalidade híbrida, aqui denominado tempo **mítico-efêmero** — mostrou-se produtiva para interpretar a arquitetura narrativa da obra. Essa categoria procura designar a convivência paradoxal entre duas forças complementares: de um lado, a permanência do mito, capaz de atualizar indefinidamente a experiência vivida; de outro, a consciência da precariedade da existência humana, submetida à perda, ao desaparecimento e à irreversibilidade do tempo histórico.

A leitura da novela evidenciou que a memória não funciona como simples reconstituição documental do passado. Arminto não busca reconstruir objetivamente sua história, mas reorganizar os sentidos de sua existência. Cada lembrança reaparece investida de novos significados, de modo que o passado deixa de representar uma instância encerrada para converter-se em presença continuamente atualizada pela narração. Nesse aspecto, a memória assume caráter performativo: ela não apenas conserva experiências, mas produz novas formas de compreendê-las.

Essa reorganização temporal torna-se possível porque o imaginário mítico atravessa toda a estrutura da narrativa. As histórias transmitidas por Florita, pelos indígenas e pelas comunidades ribeirinhas deixam de constituir elementos ornamentais ou regionalistas para converterem-se em operadores simbólicos da experiência narrativa. O mito passa a fornecer a lógica interpretativa pela qual Arminto compreende a si mesmo, seus afetos, suas perdas e sua incessante busca por Dinaura.

Ao dialogar com as formulações de Paul Ricoeur, verificou-se que a identidade do protagonista resulta menos dos acontecimentos vividos do que da maneira pela qual esses acontecimentos são narrados. Arminto constitui-se como sujeito na própria enunciação de sua história. Sua identidade é narrativa, continuamente reconstruída pela memória e permanentemente aberta a novas interpretações.

As contribuições de Mircea Eliade permitiram compreender que o mito rompe a sucessão ordinária do tempo histórico ao instaurar uma temporalidade primordial continuamente reatualizada. Entretanto, Hatoum desloca essa lógica ao inseri-la no interior da experiência moderna. O retorno ao tempo mítico não elimina o sofrimento nem restaura integralmente aquilo que foi perdido. O mito preserva a permanência da memória, mas não suspende a condição efêmera da existência.

As reflexões de Byung-Chul Han revelaram-se igualmente fecundas para compreender o papel desempenhado pela narração. Em uma contemporaneidade marcada pela fragmentação das experiências, Arminto resiste ao esquecimento precisamente porque narra. A narrativa restitui continuidade temporal ao sujeito e converte vivências dispersas em experiência dotada de sentido. Nesse contexto, narrar deixa de constituir simples ato comunicativo para transformar-se em forma de permanência existencial.

Do ponto de vista da teoria narrativa, o diálogo com Gérard Genette demonstrou que a organização temporal da novela decorre de constantes deslocamentos entre diferentes planos narrativos. Analepse, simultaneidade temporal e reorganização da ordem narrativa não aparecem apenas como recursos técnicos, mas como procedimentos diretamente relacionados à constituição subjetiva do narrador.

As formulações de Jacques Rancière, por sua vez, contribuíram para compreender a ruptura promovida pela narrativa moderna em relação às formas clássicas de representação. Em *Órfãos do Eldorado*, a coexistência entre realidade, memória e mito dissolve as fronteiras tradicionais entre história e imaginação, instaurando uma narrativa cuja força reside precisamente na permanência da ambiguidade.

Nesse sentido, uma das principais contribuições deste estudo consiste em propor a categoria **tempo mítico-efêmero** como ferramenta interpretativa para a leitura da novela. Diferentemente da concepção de tempo exclusivamente memorialístico ou psicológico, essa noção permite compreender que a narrativa de Hatoum se estrutura sobre a tensão permanente entre permanência e desaparecimento. O mito impede o completo apagamento da experiência; a efemeridade lembra continuamente a impossibilidade de deter o fluxo da existência. A narrativa emerge exatamente desse equilíbrio instável.

Essa proposta também permite ampliar a fortuna crítica dedicada à obra de Hatoum. Grande parte dos estudos privilegia aspectos relacionados à memória, à identidade, à representação da Amazônia ou às relações familiares. Embora tais perspectivas permaneçam fundamentais, a análise aqui desenvolvida demonstra que a temporalidade constitui um operador estético capaz de integrar essas diferentes dimensões em um mesmo sistema narrativo. O tempo deixa de funcionar como categoria secundária para assumir posição central na construção dos sentidos da obra.

Além disso, a investigação reafirma a importância da literatura como espaço privilegiado para pensar formas alternativas de experiência temporal. Em um contexto histórico marcado pela aceleração da vida cotidiana, pela fragmentação das relações sociais e pela predominância do presente imediato, a narrativa de Hatoum recupera a potência da memória e da narração como formas de resistência ao esquecimento. Arminto não vence o tempo; aprende a habitá-lo narrativamente.

Por fim, considera-se que a proposta interpretativa desenvolvida neste artigo pode abrir novas possibilidades de investigação acerca da produção literária de Milton Hatoum e, mais amplamente, da literatura brasileira contemporânea. Estudos futuros poderão aprofundar as relações entre temporalidade, espaço narrativo e imaginário mítico, bem como examinar de que maneira a categoria do tempo mítico-efêmero se manifesta em outras obras do autor ou em narrativas contemporâneas que igualmente problematizam memória, identidade e pertencimento.

Dessa forma, conclui-se que *Órfãos do Eldorado* não apenas narra a história de um homem marcado pela perda. A novela constrói uma reflexão sobre a própria condição humana, evidenciando que viver, recordar e narrar constituem experiências inseparáveis. A travessia de Arminto revela que somente a narrativa é capaz de conferir permanência simbólica ao que o tempo histórico insiste em apagar.

REFERÊNCIAS

- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1979.
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **Os fios perdidos da ficção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1-3. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.